



ISSN: 2595-5713
Vol. 05 | Nº. 9 | Ano 2022

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM LÍNGUA DE ÁFRICA: O SUAÍLI

La BD en langue d'Afrique: le swahili

RESUMO: Este texto é a tradução de um artigo do estudioso e editor camaronês Christophe Cassiau-Haurie, publicado originalmente em 2021 no site *Africultures*, um portal de informações sobre África. No artigo, o autor examina o cenário de produções de quadrinhos em língua suaíli, dedicando espaço para abordar a genealogia de obras localizadas editorialmente na África Oriental. Para tanto, Cassiau-Haurie nos apresenta o ambiente plural de autores e temas mais recorrentes ao longo do século XX. Subjacente ao esforço de apresentar essas produções, o autor assinala a necessidade de se considerar as particularidades das línguas que existiam no continente antes da chegada dos colonizadores europeus no século XIX e as tensões que envolvem o uso de línguas locais no contexto de publicação de quadrinhos em África.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhos; África Oriental; Línguas africanas; Suaíli.

Christophe Cassiau-Haurie

ABSTRACT: This text is a translation of an article by Cameroonian researcher and editor Christophe Cassiau-Haurie, originally published in 2021 on the *Africultures* website, an information portal focused on Africa. In the article, the author examines the landscape of Swahili-language comics productions and gives space to address the genealogy of works editorially located in East Africa. Cassiau-Haurie thus presents us with a diverse milieu of authors and themes most recurrent in the 20th century. Behind the effort to present these productions, the author points out the need to consider the particularities of the languages that existed on the continent before the arrival of the European colonizers in the 19th century, and the tensions associated with the use of local languages in the context of comic books publishing in Africa.

KEYWORDS: Comics; East Africa; African languages; Swahili.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre Ant3nio Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM LÍNGUA DE ÁFRICA: O SUAÍLI ¹

Christophe Cassiau-Haurie ²

Desde seu surgimento no início do século XX no continente africano, os quadrinhos publicados em língua local sempre foram de grande importância. Portanto, ofereço-lhes uma visão geral de uma situação linguística extremamente complexa, através das lentes às vezes esclarecedoras da nona arte. Neste primeiro capítulo³, abordarei a situação dos quadrinhos em língua suaíli. Esta língua tem uma influência bastante grande na África: certamente no Quênia e na Tanzânia, que a adotaram como oficial, na República Democrática do Congo, onde é uma das quatro línguas nacionais, mas também em Ruanda, Burundi e Comores. Apenas uma parte destes países publica histórias em quadrinhos neste idioma: Quênia, Tanzânia e República Democrática do Congo (RDC).

Embora a situação não seja a mesma de país para país, pode-se dizer que a propagação das línguas locais através dos quadrinhos se deve a vários aspectos:

- Em geral, o **status das línguas locais** - sua oficialização como língua nacional ou oficial, mas também sua presença nas escolas como meio de aprendizagem - tem uma influência importante em sua difusão através da palavra escrita entre a população.

- **A singularidade linguística de um país** também tem consequências, sendo o número de falantes um fator significativo na difusão de um idioma.

- E, finalmente, **a história do país**, que muitas vezes determina sua relação com a(s) sua(s) língua(s).

Avaliar o estado dos quadrinhos em línguas “africanas” também significa fazer um balanço da relação entre os diversos países africanos com seu patrimônio linguístico e cultural.

Quadrinhos suaíli na África Oriental

¹ Artigo originalmente publicado em 31 de agosto de 2021, no site *Africultures*, sob o título *Episode 1. La BD en langue d'Afrique: le swahili*. Disponível em: africultures.com/episode-1-la-bd-en-langue-dafrique-le-swahili/. Traduzido por Márcio dos Santos Rodrigues, com a autorização do autor [Nota do Tradutor].

² Nascido em Douala, Camarões, em 1968, Christophe Cassiau-Haurie é um estudioso especializado em quadrinhos de autoria africana, autor de vários livros e artigos sobre o cenário dessas produções. Autor de livros de referência como *Dictionnaire de la bande dessinée d'Afrique francophone* (2013) e *L'Histoire de la bande dessinée au Cameroun* (2016). Atua como editor/diretor da coleção L'Harmattan BD, que reúne mais de 40 obras em quadrinhos de autores do continente africano. É também Curador Geral de Bibliotecas na Bibliothèque Nationale et Universitaire de Strasbourg (Biblioteca Nacional e Universitária de Estrasburgo). Ocupou vários cargos como bibliotecário no continente africano, incluindo passagens pelas Ilhas Maurício e pela República Democrática do Congo. Academicamente, também fez pós-graduação em Estudos Africanos e em Direito Público [Nota do Tradutor].

³ Trata-se de um primeiro de uma série de textos sobre quadrinhos em línguas africanas [Nota do Tradutor].

A África Oriental (Quênia e Tanzânia) tem uma longa história em matéria de imprensa. Na época colonial, mais de 40 jornais foram distribuídos no território da Tanganica (futura Tanzânia) e provavelmente um número ainda maior no Quênia. Nenhum deles continha quadrinhos em qualquer idioma africano. Os únicos quadrinhos que puderam ser encontrados estavam em anúncios publicitários e todos escritos em suaíli.

De fato, já em agosto de 1940, o jornal em língua suaíli⁴ da missão católica em Mombaça⁵, *Rafiki yetu*, se valia de quadrinhos em anúncios para chá: *CHAI inakupua Nguvu'* (“O chá que lhe dá força”). Esta série publicitária será reimpressa no mês seguinte em *Mambo leo*, uma revista mensal⁶ publicada pela administração territorial. Este foi apenas o primeiro de muitos, e nos anos seguintes, houve um grande número de quadrinhos publicitários em suaíli apresentando africanos nos jornais de língua suaíli, tanto no Quênia (o jornal diário *Tazama*, com uma circulação de 17.000 exemplares, ou *Taifa*, o semanário Baraza) quanto em Tanganica (*Baragum*). O número de produtos envolvidos era tão grande quanto diverso: medicamentos contra a malária, sabonetes, cigarros, bicicletas, a famosa margarina *Blue band*⁷, chocolate *Cadbury*, pneus Michelin, etc.

Havia até mesmo séries de quadrinhos publicitários, como as que apresentavam Juma, um menino que mata uma cobra com as próprias mãos, impede que um trem descarrilhe ou afasta os ladrões de gado, tudo graças à margarina Blue band! Outro exemplo são as aventuras esportivas de *Tomasi Tembo* (“Thomas, o elefante”), que vence todos os tipos de competições esportivas graças à marca de cigarros que ele fuma.

Em outubro de 1951, *Mambo Leo*, o boletim mensal oficial de Tanganyika, começou a publicar *Picha za kuchekesha* (“Desenhos para fazer rir”), de um artista desconhecido - provavelmente europeu -, que assinou como C.S.S. A série durou pelo menos até 1954 e não retratava os africanos.

O primeiro desenhista de quadrinhos africano conhecido a escrever em suaíli foi William Agutu⁸, que iniciou uma série chamada *Mrefu* (“O Grande”) no jornal queniano *Tazama*, em 27 de fevereiro de 1952. Em paralelo, outra série chamada *Rita*, de um autor desconhecido, foi publicada no mesmo jornal entre 1954 e 1960. Iniciada em inglês (sugerindo que não foi originalmente desenhada para o *Tazama*), a série foi então publicada em suaíli a

⁴ Optou-se por traduzir *swahiliphone*” como “em língua suaíli”. Os termos “suaíli” mais “fono”, penso, seriam de difícil compreensão ou poderiam, se unidos, formar um neologismo, uma palavra que não existe em português [Nota do tradutor].

⁵ Considerada hoje a segunda maior cidade queniana. No original suaíli, “Mombasa” [Nota do tradutor].

⁶ No original, “mensuel”. Termo que se refere às revistas ou publicações mensais. [Nota do tradutor].

⁷ Esta última, ainda vendida no continente, continua a distribuir quadrinhos publicitários em jornais [Nota do autor original].

⁸ Agutu é um nome Luo do Quênia ocidental [Nota do autor original].

partir de 1960. Africanos não eram valorizados, mesmo cooperando com o domínio colonial e depois lutando contra o comunismo.

Esta série foi seguida em 1955 pelo *Juha kalulu*, de Edward Gicheri Gitau (nascido em 1930), também de Tazama. Após o desaparecimento deste título, *Juha kalulu* seria publicado por outro jornal em língua suaíli, *Baraza*⁹ (fundado em 1939). Finalmente, a série foi assumida por *Taifa leo*, a versão suaíli do jornal queniano mais popular da época, o *Daily Nation*. Originalmente publicado como um semanário, mais tarde o *Taifa leo* se tornou um diário. Juha é um personagem um tanto ou quanto estúpido com uma conotação suaíli de absurdo e Kalulu é a palavra Nyasa para lebre. Juha Kalulu gosta de dormir, nunca está bem vestido, está sempre sem dinheiro e sempre coloca seus amigos em apuros. Ele é casado com Seera, que parecer estar “usando suas calcinhas”. O casal tem uma filha e um filho, Ujimoto (“Papa quente”¹⁰), e enquanto Kalulu e Seera nunca parecem envelhecer, Ujimoto amadurece ao longo dos episódios e dos anos. Esta série de tiras durou até 2016, quando o autor morreu aos 86 anos de idade.¹¹

Na Tanzânia, a primeira história em quadrinhos não-publicitária em suaíli foi publicada em 9 de agosto de 1956. É *Juha Kasembe na Ulimwengu wa leo* (Kasembe o Idiota e o Mundo Moderno) de Peter Paulo Kasembe, que pode ser considerado o primeiro quadrinista tanzaniano no sentido moderno da palavra. *Juha Kasembe*, a primeira série na região a usar balões, provavelmente teria parado no final de 1957. Posteriormente, em 1959, Kasembe lançou *Mhuni Hamisi* (Hamisi, o hooligan), uma série de quadrinhos em estilo realista que foi a primeira série de aventura em quadrinhos suaíli.

A partir do início dos anos 60, as igrejas protestantes publicaram quadrinhos em suaíli. O resultado foi a série *Hadithi Yesu Alizosema* (As Parábolas de Jesus), que começou a ser publicada em junho de 1961 na revista luterana *Uhuru na Amani* (Liberdade e Paz) e foi claramente destinada a um público africano e não foi traduzida do exterior. Depois disso e até hoje, para fins de evangelização, a igreja distribuirá regularmente quadrinhos em língua suaíli na África Oriental e em outros lugares do continente.

A partir de 1967, o *Uhuru*, jornal do partido único da Tanzânia, começou a publicar uma série de tiras chamadas *Chakubanga*, de Christian Gregory. A primeira revista em quadrinhos em língua suaíli foi fundada na Tanzânia no início dos anos 1980 por Saidi Bawji e Niko Yambajo. Eles combinaram as duas primeiras letras de seus primeiros nomes e chamaram a revista *SANI*. Apesar da crise econômica na Tanzânia e da disputa entre os herdeiros dos fundadores, a revista

⁹ Segundo as memórias de Gitau, mas não há nenhuma evidência disso nos arquivos do jornal [Nota do autor original].

¹⁰ No original, “*porridge chaud*”. *Porridge* pode ser traduzido como papa, como em papa de aveia. Aqui estamos nos referindo ao prato composto por farinha de aveia ou outra farinha ou cereais cozidos em água ou leite [Nota do Tradutor].

¹¹ Gitau também é o autor de uma coleção: *Visa na Vituko vya Mwaka vya Juha Kalulu* [Nota do autor original].

durou mais de vinte anos antes de mudar de formato de revista para tabloide em 2003 (O jornal continuará, entretanto, a oferecer viagens e, às vezes histórias em quadrinhos). **O cartunista mais conhecido do jornal é Philip Ndunguru** (nascido em 1962), considerado o pai dos quadrinhos tanzanianos.

Philip Ndunguru, o pai dos quadrinhos tanzanianos.

Após seus estudos de arte, Ndunguru entrou para a *Sani* em 1980 e se tornou seu principal desenhista. Lá ele estudou e ao mesmo tempo aprimorou o seu trabalho, especialmente com o pintor Raza, que lhe ensinou a arte da cor, e com Msoke, um professor de arte ugandense na universidade. Com outro cartunista de jornal, S.M.M. Bawji, ele deu início a série *Chaka la Mauti* e depois, de forma independente, *Kipigo cha Dunia*, com Mzee Meko como personagem principal. Em seguida, Ndunguru criou outros personagens como o Dr. Love Pimbi, o aldeão Kipepe, Lodi Lofa, o velho com o carro quebrado, e mais notavelmente sua série mais famosa *Ndumilakuwili*¹², um personagem aos moldes de Andy Capp¹³. Em 1981, a distribuição da *Sani* foi interrompida devido à escassez de papel. Ndunguru então foi trabalhar para a Continental Publishing, montou sua própria empresa, expôs seus desenhos e depois viajou para o Zimbábue e a Suécia.

Em 5 de janeiro de 1985, ele publicou sua primeira tira no *Kenya Leo*, suplemento suaíli do *Kenya Times*, o principal jornal de língua inglesa de Nairóbi, onde trouxe de volta o personagem de *Ndumilakuwili* sob o nome de *Kazibure (travail inutile)*¹⁴. Esta não foi a primeira incursão do *Kenya Leo* nos quadrinhos, pois de maio de 1983 a novembro de 1984 o jornal publicou uma tira diária, *Visa vya Mtupeni (As aventuras de Mtupeni)*, para competir com *Juha Kalulu*, desenhada por Oswaggo. *Kazibure* teve tanto sucesso que três semanas após sua estreia também foi publicado no *Kenya Times*, novamente em suaíli.¹⁵

Ndunguru se tornaria muito popular no país até sua morte, em maio de 1986, em um acidente de carro com a idade de (presumivelmente) 24 anos.¹⁶ *Sani* lançou uma edição especial em sua memória. Ndunguru teve uma grande influência nos quadrinhos e caricaturas suaíli. Os personagens que ele inventou em *Sani* continuaram a aparecer no jornal após sua morte, sob

¹² Para os leitores que querem saber mais sobre o site *Bongo toons*: <http://www.vmma.nl/bongotoons/engels/pages/ndunguru.htm> [Nota do autor original].

¹³ Andy Capp é o personagem de uma série em quadrinhos homônima, criada pelo cartunista britânico Reg Smythe. Foi publicada nos jornais *Daily Mirror* e *Sunday Mirror* a partir de 1957 [Nota do tradutor].

¹⁴ “Trabalho inútil”, em português [Nota do tradutor]

¹⁵ Este é um fenômeno raro em um país como o Quênia, que está em meio a uma situação de diglossia e onde o inglês é a língua de referência por escrito [Nota do autor original].

¹⁶ Seu ano de nascimento varia de acordo com as fontes, algumas dando-lhe a idade de 27 anos no momento de sua morte [Nota do autor original].

diferentes assinaturas (Oswaggo assumiria Kazibure, sob o nome *Madenge*), e sua série inspirou muitos outros escritores que publicaram em revistas de quadrinhos como *Tabasamu* e *Bongo*, que surgiram nos anos 1990 e competiram fortemente com *Sani*

Os autores mais famosos que vieram depois disso foram Ibra Radi Washokera e John Kaduma (já falecido) antes de partirem para outros títulos (*Bongo* e depois *Tabasamu* em meados da década de 1990). Estes desenhistas se moviam entre órgãos de imprensa à medida que as oportunidades surgissem. De fato, na época, o movimento *Mageuzi* - a versão tanzaniana da Perestroika - levou à liberalização do setor dos meios de comunicação.

Uma profusão de títulos surgiu nas prateleiras dos vendedores ambulantes, a tal ponto que, **no início dos anos 2000, havia mais de 50 revistas de quadrinhos no país**, com preços entre 50 e 60 centavos, o equivalente a uma garrafa de cerveja. Disponíveis em vários formatos, estas revistas ofereceriam tiras clássicas (*Kingo*, *Bi Mkora*), caricaturas políticas (*Katuni za kisiasa*).¹⁷ Havia também títulos (*Sani*, *Bongo*, *Tabasamu*) que ofereciam séries contínuas de quadrinhos de página inteira ou meia página. Algumas revistas são inteiramente dedicadas a uma série (*Kisiki cha Mpinogo* ou *Titanic*). A oferta também era variada em termos de conteúdo, do humor (o chamado *katuni za vichekesho*¹⁸) ao romance (*katuni za mapenzi*¹⁹), passando pelo religioso (*katuni za dini*²⁰), erotismo (até flertando com pornografia) e publicitário (*katuni za kibiashara*).²¹ Alguns títulos foram até criados por ONGs com finalidades educacionais (*katuni za elimu*)²² e formam uma categoria à parte, seguindo uma certa tradição de educação na arte popular suaíli, que além de entretenimento, muitas vezes também visa a educar o povo. Todos esses títulos juntos permitirão o surgimento de várias dezenas de desenhistas no país, tornando a Tanzânia o mais importante fornecedor de talento gráfico da África Oriental. As carreiras de muitos desenhistas começaram nesta época: os já mencionados John Kaduma, Noah Yongolo (*Kingo*, *Mzalendo*, *Burudani*), Robert Mwampembura (*Kingo*), Mohamed Mussa Kassam (*Bata King*), Chris Katembo (*Sani*): seu fundador James Gayo, Paul Kelemba, Paul Ndunguru (irmão mais novo de Philip)... - e também *Bongo* e *Tabasamu*.

Mais tarde, nos anos 2000, uma nova geração de desenhistas apareceria, dentre os quais os mais conhecidos são Masoud Kipanya, Kijasti e Fred Halla. Mais barato de produzir do que o A4, o formato A5 tornou-se popular, especialmente para quadrinhos “adultos” como *Kula Mtoto wa Bosi*, *Mama Huruma* ou *Jumbo*, mas também para quadrinhos de fantasia como *Kisiki cha*

¹⁷ Caricaturas políticas, em uma tradução literal do suaíli [Nota do Tradutor].

¹⁸ Termo suaíli para “tiras” ou “tiras de quadrinhos” [Nota do Tradutor].

¹⁹ “Quadrinhos de amor”, em uma tradução literal do suaíli [Nota do Tradutor].

²⁰ “Desenhos religiosos”, em uma tradução possível do suaíli [Nota do Tradutor].

²¹ “Anúncios em quadrinhos” ou “Desenhos comerciais”, em uma tradução literal do suaíli [Nota do Tradutor].

²² Sobre os diferentes estilos presentes nos quadrinhos em suaíli, o leitor pode se referir ao artigo de Rose-Marie Beck, *Comic in suaíli or suaíli comics? [traduzindo para o português, Quadrinhos em suaíli ou suaíli comics ?]*, AAP 60 (1999). [Nota do autor original]

Mpingo. No final de 2001, o governo tanzaniano proibiu os quadrinhos pornográficos. Publicada em formato A5, a primeira edição da revista em quadrinhos *Kibiriti Ngoma* (gíria para “prostituta”²³)²⁴ apareceu no início de 2002. Não é raro batizar uma revista em quadrinhos com o nome de uma gíria para uma mulher. Há por exemplo *Mama Huruma* (Mãe de Misericórdia), *Sanda ya Changudoa* (Sudário da Prostituta), *Kula Mtoto wa Bosi* (Coma o Bebê do Chefe).²⁵ Alguns não têm uma conotação sexual direta como *Maua* (Flor). Entretanto, *Maua* não só elogia a beleza das mulheres, mas também indica que elas podem ser escolhidas e que há novas florescendo todos os dias enquanto as velhas murcham. Todos estes títulos sugerem que sexo e escândalo são esperados e que as mulheres também são reduzidas a meros objetos de prazer. Este período corresponde ao que Charles Kayoka chama de “falocentrismo em sua forma mais pura”. Outros nomes de quadrinhos se referem mais ao humor, como *Tabasamu* (“Sorriso”) ou são acrônimos dos nomes de suas editoras, como *Sani* e *Ambha*. O conteúdo do *Kibiriti Ngoma*, publicado pela Wasaa Publications, é uma mistura de histórias de amor relativamente longas (até 14 páginas) (*katuni za mapenzi*) e às vezes tiras seriadas de humor (*katuni za vichekesho*).²⁶

A importância dos cartuns de imprensa e das histórias em quadrinhos foi tamanha nos dois países que novas palavras suaíli foram inventadas para designá-las em ambos os lados da fronteira: *Katuni* (provavelmente derivado de cartuns) para caricaturas e *Hadithi za michoro* (histórias desenhadas)²⁷ para histórias em quadrinhos na Tanzânia, bem como *Kibonzo* no Quênia. Gradualmente, porém, os jornais tanzanianos favoreceram os cartuns e as caricaturas políticas em detrimento dos quadrinhos, cujas páginas ou tiras ocupavam mais espaço.

O Quênia também testemunhou o nascimento das revistas de quadrinhos, a mais conhecida das quais foi a *Jo*, fundada por Terry Hirst nos anos 70, ou a série *Pichadithi* na década de 1980. Os quadrinhos, em forma de páginas ou tiras, também estavam muito presentes nos diários gerais²⁸, com os desenhistas dividindo seu tempo entre estes e os cartuns, muitas vezes políticos. Mas, a maior parte desta produção está em inglês.

A manifestação mais visível dos quadrinhos em suaíli vem da editora Sasa Sema, que entre 1996 e 2000, publicou 4000 cópias de nove quadrinhos criadas localmente em processo de

²³ *Kiribiti ngoma* era originalmente o nome de uma dança sensual **Nota do autor original**.

²⁴ No original, “*prostituée*”, adjetivo feminino singular de *prostitué* **[Nota do Tradutor]**.

²⁵ Ou “Comer o bebê do patrão” **[Nota do tradutor]**.

²⁶ “Tirinhas de humor”, em uma tradução do suaíli **[Nota do tradutor]**.

²⁷ *Hadithi*, histórias em suaíli, e *michoro*, desenhos. Uma tradução literal seria “histórias em desenhos” **[Nota do tradutor]**.

²⁸ No original, “*journaux généralistes*”. Aqui se refere a “*la presse généraliste*”, termo guarda-chuva empregado para a maioria dos jornais diários e revistas de notícias. No cenário anglófono, o termo é equivalente a *general newspapers*, aos impressos destinados a cobrir toda uma variedade de assuntos **[Nota do tradutor]**.

quadricromia²⁹ e impressos em papel revestido³⁰ de alta qualidade. Pelo menos cinco destes estavam em suaíli: *Gitonga*, de Stano (Stanislas Olonde) em 1996, *Manywele*³¹ por Tuf (pseudônimo de Samuel Mulokwa Masawi³²) em 1998, *Safari ya anga za juu*³³ por Anthony Mwangi em 1997, *Macho ya mji* (“Os olhos da noite”), de Ruth Wairimu Karani em 1997 e *Abunawasi*, de Gad (Godfrey Mwampembwa) em 1996. Apesar de um certo sucesso inicial, os títulos foram descontinuados em 2000 por várias razões.³⁴ Entretanto, durante cinco anos os títulos da **Sasa Sema** ficaram à venda em livrarias e o Ministério da Educação recomendou cinco deles como livros potenciais para o ensino. Finalmente, dois livros, *Abunuwasi*, de Gado, e *Manywele*, de Tuf, foram reimpressos. As vendas demonstraram que havia um mercado confiável para os álbuns produzidos em suaíli.

Posteriormente, 2010 viu a criação de uma revista em quadrinhos mensal suaíli³⁵, *Shujaaz*, que ainda é distribuída e que até o momento tem cerca de 130 números. Financiada por uma ONG e distribuída gratuitamente (a tiragem chega a 1 milhão de cópias por mês), a *Shujaaz* também está disponível sob a forma de um programa de TV, de rádio e um *website*. Esta plataforma digital visa a ajudar a melhorar a vida e a subsistência dos jovens na África Oriental (o mesmo programa foi lançado mais tarde na Tanzânia), servindo como fonte de inspiração, trocas e intercâmbio.

Quadrinhos suaíli na RDC

A República Democrática do Congo é O grande país dos quadrinhos do continente, mesmo nos tempos coloniais. Em paralelo, o colonizador belga tinha uma política favorável às quatro línguas nacionais, que eram (e ainda são) o lingala, o kikongo, o tshiluba³⁶ e o suaíli.³⁷

²⁹ “O termo quadricromia refere-se comumente ao processo de impressão que emprega o sistema CMYK para reproduzir uma gama variada de cores a partir de quatro cores básicas”. Ver a definição em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/quadricromia/> [Nota do Tradutor].

³⁰ No original, “*papier glacé*”. Uma tradução mais literal seria “papel brilhante”. Possivelmente o papel utilizado para impressão foi similar ao couché [Nota do Tradutor].

³¹ *Manywele* significa “cabelo” ou mesmo “cabeludo”. É um título cujo personagem é um homem que usa seu cabelo num estilo rasta, com *dreadlocks*, injustamente condenado pelo assassinato de sua própria mãe no início da trama [Nota do Tradutor].

³² Fiz o acréscimo de “pseudônimo de...” para especificar ao leitor que Tuf se refere ao artista [Nota do Tradutor].

³³ “Viagem ao espaço”, em uma tradução literal do título. Trata-se de um quadrinho de ficção científica em suaíli. Mwangi na obra dialoga com *On a marché sur la Lune*, do quadrinista belga Hergé. Ao invés de ser uma viagem à lua, tal como ocorre em uma aventura de Tintim, a trama gira em torno de um novo planeta do sistema solar descoberto por cientistas quenianos [Nota do tradutor].

³⁴ A falta de edições anteriores se deve ao fato de que os cartunistas ganham mais trabalhando para jornais e à dificuldade de encontrar histórias que possam alcançar um público africano mais amplo do que o Quênia e que sejam culturalmente adaptáveis aos países vizinhos. [Nota do autor original].

³⁵ Também com sheng, uma mistura de inglês e suaíli. Pode-se considerar como uma língua mista ou crioula, originária da juventude urbana de Nairóbi, Quênia [Nota do tradutor].

³⁶ Também conhecido como Luba-Kasai e Luba-luba, o Tshiluba é uma língua Banta da RDC [Nota do tradutor]

Havia uma imprensa regional importante nessas línguas e as aulas eram ministradas no idioma correspondente desde a escola primária, sendo o francês introduzido gradualmente e se tornando a norma a partir da escola secundária. Portanto, não é muito surpreendente que encontremos vestígios de quadrinhos em suaíli já nos anos 1940. Em Leopoldville, a revista *Nos images* publicou a partir de 1946 a primeira tira de quadrinhos congoleza, *Les Aventures de Mbumbulu*³⁸, em francês, lingala, suaíli, kikongo e chiluba. É o fruto do talento de seu irmão Marc Wallenda (pseudônimo Masta). Distribuída em dezenas de milhares de cópias por toda a colônia, *Les Aventures de Mbumbulu* teve como objetivo principal ensinar os nativos a “ficarem em seu lugar” e se comportarem de forma “civilizada”, com cada história terminando com uma sentença moralizante. Como o público leitor era essencialmente ocidental, essas premissas não constituíam os fundamentos reais de uma verdadeira história em quadrinho africana.

Ao mesmo tempo, pode-se notar a reedição de *La plus belle histoire*³⁹, originalmente publicada em 1947 pela **Fleurus France**, obra de Frédéric-Antonin Breysse (desenhos) e Abbé Gaston Courtois (textos), que foi o primeiro álbum em quadrinhos disponível em idiomas africanos, sendo difundido na língua Ewondo⁴⁰ nos Camarões e em suaíli no Congo Belga. Nos anos 1950, as tiras de quadrinhos em suaíli em regularmente vistas em revistas mais generalistas.⁴¹ É o caso, por exemplo, da tira *Rukukuye*, que apareceu na revista missionária *Hodi* no início dos anos 50. Em Stanleyville, Mwana shaba também publicou trabalhos de 1957 com a série *Mwisho ya hadisi ya kawayawaya*⁴². Então, em 1958, os jornais *Matafari* e *Kabengele* publicaram *Bibi mpotevu*. Por fim, entre 1959 e 1960, o mundo do esporte foi ambientado na série *Mambo ya sasa ya kawayawaka*. Os autores são desconhecidos. Posteriormente, **Mwana shaba** publicou uma edição juvenil e abandonou o suaíli em sua série de quadrinhos.⁴³

Na época da independência, o ensino passa a ser quase inteiramente em francês desde a escola primária e as publicações em línguas nacionais se tornam raras, incluindo quadrinhos. Somente na década de 1970, a produção religiosa escapou desse fenômeno. É o caso da editora St. Paul de Kinshasa, que inundou o continente com álbuns hagiográficos sobre santos ou africanos beatificados desenhados por autores locais. Dezenas de milhares de cópias destes álbuns, de inegável qualidade gráfica, foram distribuídas em várias línguas africanas, incluindo Lingala, Suaíli, Kikongo, Malagasy, Tshiluba, Kinyarwanda, etc., ou internacionais

³⁷ Idiomas que os linguistas belgas ajudaram a forjar gramaticalmente, às vezes chegando ao ponto de torná-los uma espécie de língua crioula bantu ou interétnica [Nota do autor original].

³⁸ As Aventuras de Mbumbulu, em português [Nota do tradutor].

³⁹ Em português, “A mais bela história” [Nota do tradutor].

⁴⁰ Língua bantu dos Camarões [Nota do tradutor].

⁴¹ Revistas com objetivos de popularização e divulgação de temas variados, distintas das especializadas. Talvez o termo mais adequado seja “de variedades” [Nota do tradutor].

⁴² Em uma tradução literal do suaíli, “Fim da história engraçada” [Nota do tradutor].

⁴³ O personagem principal de sua série mais popular, *Mayele* (publicado em francês), entretanto, vem de uma palavra suaíli (*‘mayele’* significa “inteligente”) [Nota do autor original].

(inglês, francês, português). Até hoje difundidos, continuam sendo o primeiro (e infelizmente o último) *best seller* da história dos quadrinhos no continente.⁴⁴

A partir daí, as únicas produções em quadrinhos em suaíli a aparecerem são trabalhos de conscientização, dirigidos por ONGs ou serviços de cooperação, mas de forma alguma trabalhos comerciais. Os temas explorados podem ser diversos, a exemplo da sensibilização à democracia, como mostra um dos primeiros exemplos deste tipo: *Raia katika maendeleo: Zaire uchaguzi huru na wa kidemokrasi*, a versão suaíli de *Peuple en action: Zaire, élections libres et démocratiques*⁴⁵, feita por Albert Luba Ntolila em 1994. O tema principal, no entanto, é a AIDS, e tem sido assim nos últimos 30 anos. Começou em 1992, com *Usiue Mama kwa sida (Ne tue pas maman par le Sida*. Em português, “Não mate sua mãe com AIDS”, publicado pela **Étoile de Noël** em 1992), de Bongo Liz, e continuou com outras comissões como *Maman, le VIH peut contaminer l'enfant que tu port!*⁴⁶ (por Tetshim) para Amka com uma versão paralela em suaíli. Este tipo de livros encomendados também foi publicado por autores mais conhecidos, como Barly Baruti (*Maisha ni lazima*, traduzido de *Mon trésor, c'est ma vie*⁴⁷), publicado pelo PNMLS (*Programme national multisectoriel de lutte contre le Sida*)⁴⁸, Jason Kibiswa, autor de dois livros de conscientização baseados no personagem de *Mopila: Sur la piste de la santé familiale* (conscientização do HIV entre meninas) e *Sur la piste des affaires foncières* (conscientização do respeito aos direitos de propriedade).

Outros autores (quase sempre do leste do país, onde o suaíli é falado) produziram outras histórias em quadrinhos de sensibilização nesta língua. Este é o caso de Flavien Ntangamyampi, que de 1994 a 2000 produziu vários quadrinhos de sensibilização em suaíli para a GTZ (uma cooperação alemã): *Siri ya Chinamula* (1994), *Hekaya za Mwa Luganywa* (1995), *Ujinga wa Mwa Buniagu* (1997), *Ajali ya moto kwa Mudahinga* (1999), *Mkono moja haupige ngoma* (2000). Outro exemplo é o de Séraphin Kajibwami, que em 2011, em colaboração com a ONG canadense *Développement et paix*⁴⁹, publicou *Roza ou le courage de choisir la vie*⁵⁰, um livro publicado como parte do projeto “Reconciliação, Reconstrução e Revitalização da Capacidade Produtiva das Comunidades do Kivu Sul”. Impresso em francês e suaíli, serviu como uma ferramenta de conscientização nas aldeias do Kivu Sul.

⁴⁴ Pode-se citar outro quadrinho religioso, *Maria mama wa Yezu*, uma versão suaíli de *Marie, la mère de Jésus* (“Maria, a mãe de Jesus”, em português), de Pat Masioni e Sima Lukombo, publicado em 1986 [Nota do autor original].

⁴⁵ Povo em Ação: Zaire, eleições livres e democráticas, traduzido de forma literal para o português [Nota do tradutor].

⁴⁶ Literalmente, “Mãe, o HIV pode infectar a criança que você está carregando!” [Nota do tradutor].

⁴⁷ Em português, “Meu tesouro, é a minha vida [Nota do tradutor].

⁴⁸ Em uma tradução literal, “Programa Nacional Multisetorial de Luta contra a AIDS” [Nota do tradutor].

⁴⁹ Desenvolvimento e Paz, em português [Nota do tradutor].

⁵⁰ Em português, “Roza ou a Coragem para Escolher a Vida” [Nota do tradutor].

Suaíli, a frágil cola de uma família dividida

A diferença no tipo de produção entre a África Oriental e a República Democrática do Congo - membros da grande comunidade suaíli da África Oriental - não é por acaso e ilustra a diferença no status do suaíli entre as duas regiões. Por seu caráter de língua oficial e/ou nacional ensinada nas escolas da Tanzânia e do Quênia, o suaíli adquiriu um reconhecimento que lhe dá uma certa legitimidade pela escrita nestes dois países.

A HQ em suaíli - qualquer que seja o meio - se beneficia disso e há menos problemas ou constrangimentos em publicar neste idioma ou em outra língua local. É claro que a situação da publicação suaíli em um país como o Quênia não é cor-de-rosa. Neste país, a produção em suaíli apresenta uma escolha muito limitada em relação às publicações em inglês e isso, a preços 30% mais elevados. As vendas em suaíli são menos importantes que as em inglês, que ocupam mais de 80% das prateleiras. Mas, a situação - por mais difícil que seja - é incomparavelmente melhor do que na RDC e não se aplica apenas ao suaíli ou, claro, aos quadrinhos, mas diz respeito a todas as publicações locais. Não é por acaso que o maior escritor queniano, Ngũgĩ wa Thiong'o⁵¹, vem desenvolvendo seu trabalho diretamente na língua kikuyu⁵² desde 2004, embora isso possa ser visto como um gesto militante, não evidente por si mesmo.⁵³

No Congo-Kinshasa (onde, com 24 milhões de falantes, o suaíli é a primeira língua falada), a situação é diferente, pois as atividades escolares quase nunca são na língua local, o que acentua a posição dominante do francês (mas - na minha opinião - também sublinha a insegurança linguística e de alfabetização da população). Consequentemente - muito além dos quadrinhos -, apesar de uma longa tradição literária suaíli, quase não há intercâmbios culturais entre as duas áreas. Por exemplo, existem poucos livros quenianos no leste do Congo e poucos livros congolezes no Quênia. Alguns especialistas explicam isso pela ausência de uma verdadeira unidade linguística entre o “bora” (puro) suaíli da África Oriental e o “suaíli zaireense”, que seria quase incompreensível para o jovem queniano. No entanto, há alguns anos, examinei dois quadrinhos da editora queniana Sasa Sema, *Macho ya myi* e *Abunuwasi*, estudados em sala de aula por jovens falantes de Suaíli em Kinshasa. No que diz respeito a *Abunuwasi*, o texto era muito acessível aos jovens congolezes, já que esta história em quadrinhos é inspirada em um personagem travesso e engenhoso, herói de contos folclóricos bem conhecidos das crianças da

⁵¹ Renomado escritor queniano, estudioso e dramaturgo conhecido internacionalmente por defender e usar as línguas africanas em seus textos literários. No Brasil, é conhecido por seu livro, intitulado “Um grão de trigo”, publicado em 2015 pela editora Alfaguara [Nota do tradutor].

⁵² Ou língua quicúia, em uma forma aportuguesada. Optou-se por manter, não traduzindo de uma forma domesticante. É uma língua bantu, falada por um dos povos existentes no Quênia, de longe o mais numeroso deste país. [Nota do tradutor].

⁵³ Boubacar Boris Diop fez o mesmo no Senegal, escrevendo no idioma wolof [Nota do autor original].

África Oriental e Central. Repleto de gírias, usando uma linguagem mais imagética, *Macho ya myi* era mais difícil de ler. Algumas palavras não são compreendidas por serem diretamente da língua do colonizador: *shule* (de *school*, “escola”, em português), *injini* (de *engine*, “motor”) ou *soka* (de *soccer*, “futebol”). Entretanto, de acordo com relatos orais dos jovens, 80% da obra foi compreendido e assimilado. Este percentual ainda é maior do que eles geralmente entendem dos livros na versão francesa. Esta fronteira “intra-suaíli” não pode, portanto, ser explicada por uma diferença de idioma. As razões são outras e dizem respeito à ausência de trocas comerciais “oficiais” entre os diferentes países do continente, ao status da linguagem escrita - como vimos - e à fragilidade numérica da produção (em termos de álbuns). Infelizmente, essa observação não é específica ao suaíli; encontraremos regularmente essa situação em outros artigos de nossa pesquisa, particularmente nos chamados países francófonos.

Christophe Cassiau-Haurie

17 de agosto de 2021

Recebido em: 03/02/2022
Aprovado em: 04/06/2022